

Estudo videográfico das vivências musicais entre pai e filha publicadas no *Instagram*: apontamentos metodológicos

Comunicação

Cícera Edilânia Araújo Januário
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
cedilaniajanuario@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte metodológico da minha pesquisa de mestrado, que analisa vivências musicais feitas por pai e filha exibidas na plataforma de rede social *Instagram*. As reflexões para esse tema, baseiam-se nos estudos do cotidiano e na perspectiva da sociologia da educação musical (SOUZA, 2000; 2014; 2016; 2020), pois me ajudam na compreensão do compartilhamento do processo educativo-musical entre pai e filha nas redes sociais *on-line*. Nesta comunicação, dou ênfase aos percursos metodológicos utilizados na pesquisa, assim, discorrerei sobre a utilização dos métodos visuais, enfatizando a pesquisa videográfica como método, descrevendo algumas particularidades e desafios da videografia, bem como os processos feitos para a coleta e análise dos meus dados. Discute-se, portanto, as novas possibilidades de exploração dos campos virtuais e de coleta de dados, através dos métodos visuais, além de trazer uma outra forma de fazer pesquisa na área da educação musical através de plataformas de redes sociais *on-line*, como o *Instagram*, que cada vez mais se consolida como um canal de interatividade entre sujeitos conectados nesta rede.

Palavras-chave: *Instagram*; Pesquisa videográfica; Música entre pai e filha.

Introdução

Nesta comunicação, trarei um recorte da minha pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem dado ênfase às vivências musicais feitas por pai e filha que são exibidas na plataforma de rede social *Instagram*. Tenho uma conta pessoal nesta rede desde 2017, e dentre os registros exibidos por amigos, colegas, familiares e celebridades, comecei a acompanhar, também, as publicações no *feed* do meu ex-professor de música que posta vídeos da sua filha pequena tocando e/ou cantando diversos estilos musicais.

Os primeiros *posts* deram início em 2016, e mostram a criança tocando um tambor infantil de plástico, pandeiro, maracás, baldes e caixas de plástico organizadoras. Já em outros momentos, pode-se observar experiências musicais no laboratório de música da escola em

que o seu pai trabalha, seja tocando na caixa (instrumento de percussão), rebolo, teclado ou apenas cantando. De 2019 até os dias atuais (2023), as vivências musicais ficaram direcionadas ao instrumento bateria.

Sendo assim, objetivo geral da minha dissertação é compreender modos de organizar experiências pedagógico-musicais entre um pai-professor de música e sua filha que são compartilhadas no *Instagram*. E os específicos estão elencados em quatro: analisar de que forma essas experiências de ensinar música à sua filha e exibi-la nesta rede social são conduzidas pelo pai-professor; descrever e analisar as interações da criança nessas experiências a partir dos registros publicados; identificar os espaços/tempos utilizados por pai e filha nos registros audiovisuais compartilhados; e entender o compartilhamento dessas experiências feitas pelo pai nesta plataforma de rede social *on-line*.

As reflexões para esse tema, baseiam-se nos estudos do Cotidiano apontados por Pais (1984; 1986; 1993; 2003; 2013) e na perspectiva da sociologia da educação musical (SOUZA, 2000; 2014; 2016; 2020), pois me ajudam na compreensão do compartilhamento do processo educativo-musical entre pai e filha nas redes sociais *on-line*. Sendo assim, o cruzamento entre a sociologia do cotidiano, que se iniciou como uma “sociologia dos pequenos nada da vida” (PAIS, 1986, p. 17), com a sociologia da educação musical, permite-me olhar para as relações sociais estabelecidas entre pai-filha e o público/cenário virtual e compreendê-las como objeto investigativo de um (micro)processo de ensino e aprendizagem musical exposto em uma plataforma virtual.

No decorrer das explorações desse campo virtual e de opções metodológicas, fui me permitindo abrir possibilidades de instigar meu objeto de estudo a partir de um olhar mais aguçado para os métodos visuais, isso porque, tem-se uma hipótese sobre possíveis relações entre videografia e processos contemporâneos de ensino e aprendizagem musical. Escolhi por mergulhar nos estudos sobre os métodos visuais (especificamente os digitais), dando ênfase à Pesquisa videográfica, por acreditar que ela é uma via credível para analisar e capturar a dinâmica das interações humanas, a realidade social e/ou cultural de determinados sujeitos e/ou grupos (CAMPOS, 2011, p. 238).

Dito isso, nesta comunicação, irei apresentar os caminhos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa, que me permitiram uma melhor aproximação com os



objetivos a serem alcançados. Os trechos aqui descritos, fazem parte da versão em andamento do meu capítulo de metodologia da dissertação. Esse escrito, estará dividido em quatro partes: primeiro discorro sobre a utilização dos métodos visuais, enfatizando a pesquisa videográfica como método; em seguida, comento sobre algumas particularidades e desafios da videografia; também abordo os processos feitos para a coleta e análise dos dados; e por fim, aponto algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido.

Métodos visuais e a pesquisa videográfica como método

Para as reflexões sobre os métodos visuais me baseei nas perspectivas teóricas e metodológicas de Meira (1994), Loizos (2008) e Campos (2011). Para Loizos (2008), a imagem, seja ela produzida quimicamente ou eletronicamente, com ou sem acompanhamento de som, “oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais” (LOIZOS, 2008, p. 137). Campos (2011, p. 238) complementa que a utilização de métodos visuais têm vindo paulatinamente a afirmar-se “como vias credíveis e legítimas de exploração da realidade social e cultural” e não estão sendo mais usadas apenas nas subdisciplinas especializadas, como a antropologia ou a sociologia visuais, mas se expandindo em outros campos de investigação, por causa da “riqueza e extensão da informação prestada, e pela facilidade de aplicação de forma a impulsionar a inovação dos procedimentos e exigindo uma espécie de reequacionamento das práticas científicas” (CAMPOS, 2011, p. 238).

Dessa forma, Meira (1994) agrega nessas discussões, quando traz que os métodos visuais, também enfatizando a videografia, apresenta-se como uma estratégia ímpar para a “investigação microgenética de processos psicológicos complexos” porque é possível “resgatar a densidade de ações comunicativas e gestuais” (MEIRA, 1994, p. 61). Aqui, nesta pesquisa, embora não tenha foco nos processos psicológicos, esse método também se mostrou essencial para a análise sociológica e para alcançar os objetivos propostos, justamente por possibilitar o olhar para as expressões, manifestações, comportamentos, semelhanças e disparidades entre um registro e outro, gestos, através das capturas verbais e/ou não-verbais ocorridas nesse processo de retroalimentação entre pai e filha, além de observar o ambiente/cenário que os sujeitos estavam inseridos no decorrer das gravações.

Nesse sentido, ao trabalhar com a pesquisa videográfica, considerei importante discutir no tópico a seguir, sobre algumas possibilidades e particularidades de aplicações desses métodos e recursos audiovisuais principalmente no que diz respeito aos materiais extraídos para as análises, e o olhar para as narrativas videográficas expostas no *Instagram*.

Particularidades e desafios da (minha) pesquisa videográfica

Durante o desdobramento da minha dissertação, notei que uma das particularidades do meu trabalho é entender que os registros feitos pelo professor e sua filha, que foram divulgados posteriormente, não tinham a intenção, necessariamente, de serem materiais para uma pesquisa, mas provavelmente, foram pensados e conduzidos para serem divulgados no *Instagram*, com determinado(s) objetivo(s). Mesmo assim, não criei nenhuma hipótese sobre quais poderiam ser esses possíveis objetivos, porque a ideia foi conduzir o olhar para o processo em sua aplicação, ou seja, perceber essas experiências musicais mediadas pelo *Instagram*, e conseqüentemente, conseguir analisar de que forma essas vivências de ensinar música à sua filha e exibi-la nesta rede poderiam estar sendo pensadas, organizadas e conduzidas pelo pai-professor e assim, também, poder entender esse compartilhamento nesta mídia social.

Outra particularidade reflete sobre eu não estar na posição de executar os registros, pois como os vídeos já estavam prontos e dispostos no *Instagram*, não foi possível escolher o melhor ângulo da câmera, ou qual cena poderia ser ou não captada para agregar na pesquisa. Essa característica do meu trabalho, não o qualifica, de maneira geral, como limitadora nos processos das análises videográficas, apenas singulariza a forma como a produção dos dados a ser estudada, foi disponibilizada.

Ainda assim, pensando nos desafios e possibilidades que esses registros prontos propuseram para esta pesquisa, é possível diagnosticar que eles exibem apenas um traço de uma ação maior que não foi registrada. Logo, as publicações feitas, trazem recortes de momentos específicos ocorridos entre eles. Os vídeos, por exemplo, podem ter sido estruturados e organizados previamente ao início da gravação. Quem filma, pode selecionar o espaço a ser exibido, a duração, o que quer evidenciar no registro, recortá-lo e/ou editá-lo, em busca de atingir determinados interesses. Refletir sobre tais aspectos, considera também



a importância do meu papel como pesquisadora, pois o meu olhar para os arquivos audiovisuais estudados, transpassa da relação entre o observado e o observador, já que essa análise acaba sendo mediada por uma “terceira pessoa”, o dispositivo tecnológico.

A partir dessas reflexões e exhibições de algumas particularidades encontradas na minha pesquisa videográfica, dedicarei um tópico para discutir sobre a pesquisa videográfica oriunda da plataforma de rede social *Instagram*, abordando como foi o processo de conhecer e explorar o campo, coletar os materiais e sobretudo, olhar para este artefato como um possibilitador de pesquisas na área da educação musical.

Uma pesquisa videográfica a partir da rede social *Instagram*

Os materiais para a minha pesquisa foram extraídos da página pessoal do professor, que tem a conta pública/aberta, permitindo que qualquer pessoa tenha acesso às publicações. O sujeito em questão, tem 611 *posts* (informação obtida no dia 15 de janeiro de 2023) intercalados entre fotografias e *reels*, mostrando viagens (feitas com a família ou a trabalho), apresentações artísticas e musicais, *covers*, manifestações políticas, brincadeiras com a filha, tocando instrumentos (baixo, escaleta, piano, teclado, bateria, ukulelê, violão), compartilhamento de trabalhos autorais individuais, com duos ou grupos em que ele é membro, divulgação de *lives* e eventos, além de expor momentos com a filha, esposa e colegas de trabalho.

Entre esses 611 registros, distribuídos entre o dia 7 de maio de 2016 até o dia 10 de janeiro de 2023, datas da primeira e última publicação, respectivamente, 10 imagens mostram a sua filha com alguns instrumentos musicais (violão, piano, escaleta) e 74 vídeos/*reels* exibem a criança tocando instrumentos, cantando, fazendo percussão corporal e/ou envolvem outros aspectos que relacionam as experiências pedagógico-musicais, interesses dessa pesquisa. Sendo assim, no primeiro momento, todos esses 84 arquivos (fotos e vídeos) foram salvos na minha coleção de “Salvos” no *Instagram*, na qual intitulei “Pesquisa Mestrado”. Criar essa coleção facilitou a organização desses registros e deixava-os mais acessíveis para mim, pois na página do professor, como há muitos outros *posts*, confundia e dificultava encontrar aqueles que eram do meu interesse.

Dessa forma, depois de ter todos eles na minha coleção, utilizei o aplicativo “*A downloader for Instagram*” no meu celular para baixar todos esses arquivos. Com os *downloads* feitos na memória do meu aparelho, eu já ia transferindo para uma pasta no *Google Drive* intitulada “Registros – Pesquisa Mestrado”, armazenando-os em pastas por ano de publicação, e nomeando-os com as mesmas legendas colocadas pelo professor nos *posts*. Apenas as 10 imagens ficaram em uma única pasta pela pouca quantidade e fácil visualização delas.

Com o material coletado e organizado, pensei inicialmente na possibilidade em analisar todos os arquivos, mas, pela quantidade/densidade de elementos constituintes em cada material, não se tornaria viável o trabalho com tanto recurso e o pouco tempo para esmiuçar nessa escrita final. A busca por esse afunilamento foi sendo delineada a partir das orientações, em que o primeiro elemento a ser descartado foi a utilização das 10 imagens, pois focaríamos apenas na análise videográfica.

Pensando ainda nesse direcionamento, comecei a visitar esse meu campo e notei que havia, de modo geral, duas grandes estruturas de vídeos: de 2016 até meados de agosto de 2019, as experiências musicais seguiam com a criança e o pai em diferentes cenários, instrumentos e práticas. Após isso, dos 33 vídeos seguintes (de setembro de 2019 até 2023), 25 mostravam a criança tocando bateria. Dessa forma, optei por focar apenas nessa primeira estrutura de vídeos, antes da chegada da bateria, por acreditar que eles já contemplariam os objetivos propostos dessa investigação. Além disso, foram excluídos da análise alguns registros que não se encaixavam no interesse dessa pesquisa, como: a criança se apresentando na escola; vídeos em que a criança não estava com a presença e/ou direcionamento do pai; registros em que ela estava com colegas e/ou no colégio; e àqueles que ela aparecia com primos e outras crianças em outros contextos.

A seleção desses critérios diz respeito ao fato de que apenas o pai e a criança são os principais sujeitos pesquisados, além de que o contexto escolar não é um elemento investigado aqui. É importante registrar que em alguns vídeos que mantive como dados, há presença de terceiros (como a mãe e avó da menina e um colega de trabalho do professor), eles não foram excluídos da análise porque as experiências pedagógico-musicais estavam



sendo conduzidas pelo pai, e não por tais sujeitos, logo, eles aparecem apenas como coadjuvantes nas cenas.

A quantidade final de vídeos coletados para análise nesse estudo foi de 35 arquivos (sendo 5 vídeos de 2016, 13 de 2017, 7 de 2018 e 10 de 2019) com durações variadas entre 5 segundos a 1 minuto. Depois de todo o meu material coletado e organizado, comecei o processo de descrição e análises das cenas registradas, no qual detalharei no tópico a seguir.

Descrevendo e analisando as cenas: olhar através de qual/quais perspectiva/s?

No constructo dessa fase da pesquisa, considerei as reflexões de Rose (2008) quando aponta que é indispensável levar em conta a complexidade da análise do conteúdo e estrutura dos meios audiovisuais, pois eles são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição e sequência de cenas (ROSE, 2008, p. 343). Todo passo durante a análise desses materiais envolve transladar, e “cada translado implica em decisões e escolhas”, pois sempre existirão “alternativas viáveis às escolhas concretas feitas, e o que é deixado fora é tão importante quanto o que está presente” (ROSE, 2008, p. 343). Para a autora, que descreve um método para analisar, especificamente a televisão, “nunca haverá uma análise que capte uma verdade única do texto” e serão as diferentes orientações teóricas que nos levarão a diferentes escolhas sobre como selecionar para a transcrição e detalhamento desses materiais (ROSE, 2008, p. 344).

Assim, após ter coletado e organizado meus dados, dei início a elaboração de um roteiro de observação para avaliar os vídeos. O desenvolvimento do roteiro foi feito em três etapas: inicialmente, em 2022, minha orientadora compartilhou via *e-mail* alguns materiais que poderiam me auxiliar na criação de perguntas que se relacionassem aos meus objetivos específicos. Com esses materiais, que eram voltados para a observação e relatórios de estágios supervisionados, fui alertada por ela que eles serviriam apenas como aporte inicial para a estruturação de um roteiro. Dessa forma, mesmo sendo de outro foco, esses arquivos contribuíram de forma significativa para um primeiro “rascunho de modelo de observação”.

Na segunda etapa, comecei a visitar com mais frequência (mesmo de forma rápida) os vídeos, fazendo um “olhar limpo” sobre as cenas, para que de alguma forma, determinadas informações fossem captadas para o meu roteiro. Nesse curto período, passei a perceber que



essas ações não estavam trazendo contribuições significativas para minha pesquisa e quão era difícil a “desnaturalização” do meu olhar. Isso porque, embora eu tentasse observar as cenas sem intencionalidades de prévias análises, acabava por vezes, limitando minha visão sob as cenas.

A partir disso, resolvi me “afastar” do meu campo e dos meus sujeitos, e comecei a explorar outros perfis famosos que envolvem crianças e pais/família no *Instagram*, que embora não tivessem a mesma estrutura dos meus vídeos investigados, relacionavam-se de alguma forma, com o meu objeto de estudo. O primeiro perfil observado foi de um famoso escritor e cartunista que mostrava esporadicamente o seu neto de aproximadamente 2 anos de idade, tocando em um piano pequeno com uma baqueta para bumbo. Nestas publicações referentes ao neto, comecei a notar que havia uma valorização por toda execução feita pela criança, com palmas, motivações, falas de adultos ao redor. Além disso, a relação familiar é evidenciada nos registros; a afinidade com a câmera, mostra o costume que desde cedo as crianças já têm com os mecanismos tecnológicos; e o fácil acesso e disposição dos instrumentos para que o menino alcance, foram pontos percebidos nos registros.

O segundo perfil observado se refere a uma criança de 8 anos de idade, que atualmente tem mais de 268 mil seguidores (informação obtida no dia 08 de fevereiro de 2023). Ao acompanhar esse perfil, comecei a notar o nível performático pensado e articulado em cada nova postagem dos vídeos com músicas autorais e *covers*. A menina, que se exhibe tocando teclado, ukulele, cavaquinho ou escaleta, geralmente aparece com óculos escuros, figurinos mais elaborados, com cores vivas, as vezes brincos grandes e outros acessórios visuais bem destacados. Com a conta verificada no *Instagram*, ela se classifica como “artista” e sua página é constantemente alimentada com novas publicações que seguem uma mesma estrutura, com a câmera posicionada bem próximo à sua face, permitindo um bom enquadramento de ângulos e sonoridade com ótimas qualidades. Chama-me atenção ainda, a quantidade de *hashtags* utilizadas (em média 15) em cada publicação.

Já o terceiro perfil, trata-se de um perfil com 404 mil seguidores (informação obtida em 8 de fevereiro de 2023), onde uma mãe exhibe seu filho de aproximadamente 3 anos tocando violão, com uma precisão rítmica geralmente considerada difícil de ser executada por crianças com essa idade, devido às questões relacionadas ao desenvolvimento da



coordenação motora fina/grossa e aspectos psicomotores. Os vídeos são gravados em vários lugares da casa, mostrando seu filho no chão, sentado em banquetas, na cama, só com o violão e outras vezes rodeado de instrumentos diversos (ukulelê, cajon, violões, sanfonas), além de mostrarem um cenário contemplado de brinquedos infantis. Neste perfil, pontos como os locais gravados, relação com instrumentos e gêneros musicais, execução de ritmos e melodias, o estímulo à escuta ativa, a imitação, repetição e improvisação foram alguns elementos destacados.

A partir desse passeio por outras páginas no Instagram, alguns pontos puderam ser utilizados no meu roteiro de análise posteriormente, dentre eles: as diferentes experiências e vivências musicais compartilhadas, as interações das crianças (com o público, câmera, instrumentos), a forma de se exibir nas redes, condução e interferências de adultos e os diversos gêneros musicais exibidos.

Assim, retomei para os meus dados com novos olhares e pude concluir meu roteiro de observação em cinco partes: a primeira parte se voltou para as informações gerais sobre os sujeitos investigados e registros (local, duração, quantidade, datas e anos das publicações, quem participa/filma/mencionado); em seguida, o foco foi sobre as experiências pedagógico-musicais (conteúdo(s) escolhido(s); instrumento(s) utilizado(s)? condução das experiências; objetivos etc.); a parte 3 direcionou para as interações (da criança com o conteúdo, pai, instrumentos, câmera, ambiente físico); a quarta evidenciou os cenários/ espaços utilizados nos registros; e por último, evidenciou ideias sobre os modos de compartilhamento e exibição nas redes (edições, *hashtags*, *feedbacks*, entre outros).

A elaboração do roteiro foi essencial para começar a descrever os episódios, pois direcionava (mas não limitava) meu olhar para o que estava ocorrendo naqueles registros, além de que não considerei o uso de *softwares*, justamente por confiar na viabilidade de se trabalhar com esta quantidade de arquivos e transformá-los em texto escrito, que fosse potencialmente capaz de contribuir nos estudos sociais interpretativos, acreditando na geração de insights a ser detalhados no decorrer do processo.

Portanto, através desses percursos metodológicos, estou construindo os capítulos da dissertação, que perpassam entre as conduções do pai-professor durante as experiências musicais gravadas e postadas, as interações e manifestos da criança durante esse processo e



o detalhamento dos cenários, espaços e tempos utilizados por eles entre os anos de 2016 a 2019. De certo modo, comecei as transcrições e tais análises tendo a noção de que não conseguiria abordar com precisão todos os detalhes dos registros, pois mesmo que todos os aspectos do vídeo como a entonação, falas dos atores, características físicas dos sujeitos, postura, gestos, vestimentas, detalhes do ambiente, pudessem ser descritos minuciosamente, “teríamos como resultado um verdadeiro tratado escrito sobre alguns minutos de videogravação e, ainda assim, muitos aspectos deixariam de ser considerados” (GARCEZ; DUARTE; EISENBERG, 2011, p. 257).

Por fim, cabe ressaltar que, embora os vídeos estejam disponíveis em uma página pública do *Instagram*, permitindo que quaisquer pessoas tenham acesso aos vídeos publicados, atenderei às exigências éticas e científicas fundamentais, que recomendam o sigilo e confidencialidade dos dois sujeitos investigados. Assim, tendo o objetivo de salvaguardar os direitos dos sujeitos, usarei nomes fictícios para os dois sujeitos, e quando necessário, imagens com desfoque, protegendo a exposição de ambos.

Algumas considerações

Para a realização da minha pesquisa de mestrado, considerei que as redes sociais *online* representam o “mundo de conexões virtuais” que é capaz de envolver pessoas, sobretudo a partir de seus interesses pessoais e/ou profissionais. Essa “cultura visual” emerge e favorece à imagem e aos recursos audiovisuais um lugar privilegiado para a percepção do mundo, estabelecendo informações e dando/construindo significados culturais de determinada(o) sociedade/fenômeno estudada(o). Essa perspectiva de utilizar as metodologias visuais, especificamente os vídeos do *Instagram* para a execução desta pesquisa, corrobora com o pensamento de Costa (2018, p. 16) de que estudos científicos precisam contemplar esses tipos de plataformas virtuais/visuais porque progressivamente se consolidam como mais um canal de interação com os usuários da *Web*, e devem ser consideradas como um possível e explorativo campo de pesquisa e de coleta de dados, uma vez que através delas pode-se observar comportamentos sociais, estabelecer diálogo com os membros da amostra e até mesmo estabelecer contatos individuais com entrevistados (COSTA, 2018, p. 16).

Entendo que as exposições feitas nas plataformas de redes sociais *on-line* atuais, tanto aquelas de cunho profissional, seja para mostrar seus serviços e/ou produtos, captar novos clientes, divulgar sua marca, quanto as publicações nas contas privadas/pessoais, como exibir um *look* novo, compartilhar uma aprovação em um processo seletivo, exibir o que está comendo em seu restaurante preferido ou mostrar as comemorações de um casamento, por exemplo, buscam atingir determinado público engajado naqueles interesses em comum. Sendo assim, toda imagem e/ou vídeo carregam as intencionalidades e a perspectiva de quem faz o registro, de quem divulga-o, bem como cada receptor poderá ter sua forma de interpretá-lo.

De modo geral, os percursos metodológicos adotados para a construção da dissertação, buscaram a compreensão da linguagem videográfica, exigindo de mim a observação minuciosa dos pequenos detalhes, tanto em relação às atividades, interações, diálogos entre pai e filha, ou com outros sujeitos que apareciam no decorrer dos vídeos, como no processo global que envolviam as experiências musicais entre os dois participantes da pesquisa.

Referências

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social*, v. 56, n. 199, p. 237-259, 2011.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de Neve Virtual: O uso das Redes Sociais Virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Rev. Interdisciplinar de gestão social*, v. 7, n.1, p. 15-37, 2018.

GARCEZ, Andrea; DUARTE, Rosalia; EISENBERG, Zena. Produção e análise de vídeograções em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 2, p. 249-261, 2011.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. cap. 6, p. 137-155.

MEIRA, Luciano. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 59-71, 1994.

PAIS, José Machado. Fontes documentais em sociologia da vida cotidiana. *Análise social*, v. XX, n. 83, p. 507-519, 1984.

PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. *Análise social*, v. 22, n. 90, p. 7-57, 1986.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 37, p. 105-115, jun. 1993.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, n. 1, 2013

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, cap. 14, p. 343-364.

SOUZA, Jusamara. *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SOUZA, Jusamara. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 53, p. 91-111, jul/set. 2014.



SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. *In*: SOUZA, Jusamara (org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, p. 7-12, 2016.

SOUZA, Jusamara. A Educação Musical como campo científico. *Olhares & Trilhas*. Uberlândia. v. 22, n. 1, p. 9-24, 2020.